

Novos Modelos de Trabalho em Psicanálise

Pedro Gomes

Considera-se o modelo freudiano de trabalho como ponto de referência neste trabalho.

Em relação a ele e aqui, em nosso meio, pode-se considerar o modelo teórico kleiniano como novo, em seu tempo. Depois dele, o modelo Lacaniano também foi uma radical mudança em relação a Freud e, mais recentemente, a partir da década de 80, principalmente nos Estados Unidos, apareceu o que se denomina de modelo relacional contemporâneo.

É com este que se está mais familiarizado e é deste o tema em questão.

Muitos autores psicanalíticos se interessaram pela influência que os analistas exerciam sobre os analisandos durante o tratamento, entre os quais: Sullivan, Searles, Löewald, Fairbain, Winnicott, os culturalistas norte-americanos como Karen Horney e nos anos 60 e 70, em Chicago, Heinz Kohut e seus colaboradores que fundaram a Psicologia Psicanalítica do Self.

Nos anos 80, houve nos Estados Unidos uma espécie de explosão de trabalhos teóricos e clínicos, abordando a relação humana como foco principal da formação psicológica dos indivíduos. Seu estudo, na situação psicanalítica, ganhou primazia. Na década de 90, em Nova Iorque, Stephen Mitchell considerou a palavra relacionalidade capaz de englobar todas as ideias, malgrado suas óbvias diferenças setoriais. Anteriormente, nesta década, Judith Teichholz havia qualificado vários destes autores como pós modernistas, pela atitude revisionista que os assemelhava. Dentre estes vários autores, todos norte-americanos, será focado um grupo, liderado por Robert Stolorow denominado Intersubjetivistas e outro grupo, bem mais heterogêneo chamado de Relacionalistas.

Intersubjetivistas

A pedra de toque de seu trabalho clínico é a empatia tal como proposta por Kohut - uma descentralização do analista para compreender o discurso do paciente, desde o ponto de vista dele, com uma imersão prolongada no campo relacional, transferência do paciente e transferência do analista, em lugar da contratransferência.

A bem da verdade, Stolorow e seus colaboradores não apresentam sua teoria da intersubjetividade como uma teoria clínica com a sua dimensão técnica. Apresentam-na como um método de observação, que teria como foco um campo formado pelas intersubjetividades de analista e paciente. O que se pretende observar são as influências conscientes e inconscientes que um exerce sobre o outro, com a finalidade

de descobrir as estratégias defensivas dominantes na conduta do paciente e que aqui, são denominadas de princípios organizadores da experiência.

Dir-se-ia: as estratégias que o paciente aprendeu ao longo da sua vida e que utiliza sem as escolher conscientemente, pois são as que melhores resultados trouxeram nas suas relações com os demais.

Segundo Maldibe, em seu trabalho apresentado no XIX Congresso Brasileiro de Psicanálise, para poder compreender melhor a intersubjetividade, comparou 3 autores com exemplos clínicos:

1- Jacobs

Jacobs, no Congresso de Amsterdã, apresentou um trabalho com o qual objetivou demonstrar como e quanto as experiências internas do analista influenciaram o processo analítico, mais especificadamente, o quanto tais experiências foram resultado das comunicações inconscientes do paciente e contribuíram para a forma e a substância das intervenções do analista. Também quis ilustrar uma maneira de pensar sobre os aspectos interativos da situação analítica que, acredita, tem se prestado muita atenção nos anos recentes e emprestado um importante aporte ao campo psicanalítico.

Acompanhando o material clínico relatado por Jacobs, restrito a uma única sessão de segunda-feira pode-se reconhecer claramente a utilização da subjetividade do analista como um dos meios para melhor entender a subjetividade do paciente. Como disse o próprio Jacobs numa certa altura do trabalho: “as experiências que o analista tem durante as sessões proporcionam informações não só ricas como também complementares às que proporcionam ao paciente”. Já aqui é questionada a objetividade ideal da análise, assumindo-se a subjetividade como o inevitável, pelo fato de reconhecer os afetos e as representações do analista durante a sessão. E Jacobs é fiel ao seu propósito, pois é a maior parte do seu material que revela o que o analista sente e pensa e, não o que diz o paciente. Ademais, acrescenta o autor, passou a anotar durante as sessões com os seus pacientes, tudo aquilo que ocorria com ele, analista, convencido da sua importância.

Como se vê, o que Jacobs valoriza até às últimas consequências é o conceito e o emprego técnico da contratransferência total (Heimann, 1950) acrescido de um outro aspecto técnico, a intersubjetividade, já que sustenta a necessidade de se examinar a fundo, inclusive nas associações, o que se passa na mente do analista, entrecruzando com a do paciente. Ao contrário do que faz com a contratransferência, Jacobs não vai até às últimas consequências com a intersubjetividade, limitando-se a interpretar a transferência, uma vez efetuado o entrecruzamento.

2 - Ogden

Ogden (1996) traz 2 ilustrações clínicas em seu livro “Os sujeitos da Psicanálise”. Ficando apenas com a primeira delas, “A carta roubada”, depara-se com o caso do senhor L. e a descrição de 3 sessões consecutivas com o paciente, por meio das quais o autor mostra como articulou experiências subjetivas do analista; decepção ante a visão de um envelope sobre a sua mesa, ansiedade relativa com o seu carro na oficina e fantasias sobre suposta voz em sua secretária eletrônica com as experiências subjetivas do paciente; isolacionismo na sessão, queixas contra o fator curativo da análise e sensação de calor no consultório por meio da contextualização da experiência do analista com a experiência intersubjetiva criada pelo analista e pelo analisando.

Pela descrição, fica claro que Ogden não se satisfaz com a utilização do conceito de contratransferência projetiva do paciente, no qual ele participava da experiência de desespero e decepção do paciente. Por isso, parte para contextualizá-los e por isso mesmo modificá-los junto à experiência intersubjetiva, o que dá lugar ao terceiro analítico e à correspondente interpretação. Três sonhos do paciente - em resposta às interpretações - fecham a ilustração.

Como se pode deduzir, Ogden acredita que o conceito da contratransferência, para fazer referência a tudo o que se passa como analista em resposta ao paciente, obscurece os fundamentos da relação analítica, já que retira dela a simultaneidade dialética entre unicidade e dualidade, entre subjetividade individual e intersubjetividade. Desta forma, Ogden abandona o conceito de contratransferência total para levar até às últimas consequências o de intersubjetividade.

3-Renik

Renik (2000) apresenta o seu paciente Etham, médico de 31 anos, que após a morte de seu idealizado pai, deprime-se e procura tratamento.

Durante seu primeiro ano de análise, repete o pai idealizado no analista, mas, ao ser acolhido e encorajado por este, alivia-se e melhora. A sessão que ilustra o seu ponto de vista intersubjetivo começa com a queixa do paciente de que o seu analista não estava atento a ele. Renik, investiga a queixa e, de início, discorda do paciente e o interpreta, dizendo que a sua impressão deveria estar baseada no fato de que estivera narrando um sucesso seu e que, por causa disso, seria difícil para analista ouvi-lo. Tal interpretação faz sentido para o paciente, mas, adiante, Renik (2000) se dá conta de que o paciente estava certo. Ao sentir fome, nesse momento, lembrava-se de que, momentos antes, virara para o lado a fim de verificar a luz da sua secretária eletrônica, pois estava na expectativa de um recado para jantar com um colega, em um restaurante que queria muito conhecer. Confessa tal fato ao paciente, o qual emociona-se ao dizer que era essa “consideração” o que ele gostaria de ter tido com o seu pai.

Com esse exemplo, Renik quer demonstrar que a subjetividade do analista é irreduzível, isto é, ela deve ser aceita como condição absoluta, na medida que sempre influenciou na situação clínica, razão pela qual deve ser encarada tanto de forma dependente da subjetividade do paciente, quanto de forma independente, no que se refere ao entendimento da transferência e do material inconsciente.

Um outro objetivo do autor é o de discutir a relação entre a subjetividade e objetividade do analista, respondendo, desta forma, a críticas de objetivistas como Hanly, para quem quanto mais subjetivo for um analista menos objetivo ele poderá ser. Como fica claro para Renik, o analista é verdadeiramente objetivo, justamente, quando se dá conta de que a sua subjetividade é uma condição absoluta, em vez de fingir que possa ser minimizada.

O modelo de trabalho psicanalítico orientado pela empatia e pelo reconhecimento da influência resulta das subjetividades do paciente sobre o analista e vice-versa. Coloca a escuta do paciente pelo analista em 2 lugares sucessivos. O que diz o paciente, o que isto promove no analista, não só o que se poderia considerar uma interpretação, mas, antes disso, uma experiência emocional percebida por ele como, por exemplo, uma mudança em seu humor e o que a sua interpretação promove no paciente, não só em palavras, como em mudanças de humor.

Um paciente comenta na sessão, que se sente muito mais livre e autorizado, não tendo que consultar ou prestar contas a ninguém, quando é envolvido por uma situação na qual há um erro que precisa ser consertado.

Imediatamente antes, falara que havia um passo interno que sentia não haver dado e que daria a uma série de ações suas, uma consequência criativa.

O analista sente que o paciente está mais livre para consertar do que para criar e comenta isso com o paciente.

Este reage com uma mudança de expressão fisionômica, parecendo atingido por uma descoberta reveladora e comenta: Isto é mentalidade de imigrante, que não tem certeza sobre o amanhã.

Diz o analista: - Mas você não é um imigrante, ao que o paciente responde: este é o meu pai.

O analista se sente tocado por esta situação de identificação de um filho com a circunstância de seu pai e comenta: porque será que você continua o projeto dele, já que suas condições são outras?

- Diz o paciente: não sei.

Relacionalidade

Desde a década de 80, a Psicanálise, especialmente a norte-americana, sofreu uma espécie de explosão libertadora de um modelo psicanalítico dominante, a Psicologia do Ego.

Uma variedade de novos dados, conceitos e teorias focados na multiplicidade de maneiras como as pessoas se relacionam umas com as outras apareceram, a partir de várias tendências e tradições psicanalíticas e foram denominadas de forma um tanto dispersa.

“Teoria do apego”, “Procura do objeto”, “Intersubjetividade”, “Teoria de campo”, “Teoria dos sistemas”, “O campo interpessoal”, “O agora” e “Movimentos relacionais” figuram entre os termos que surgiram para descrever as diversas facetas da matriz relacional onde se passa a experiência humana.

Stephen Mitchell, um talentosíssimo psicanalista norte-americano, professor de pós-graduação em Psicanálise na Universidade de Nova York (NYU) tentou dar alguma sistematização a este campo, nomeando-o psicanálise relacional e criou o termo relacionalidade para explorar as complexas experiências de amor e ódio em ambos os lados da relação analítica e as opções clínicas com as quais estas situações se apresentam ao psicanalista no dia a dia.

É difícil qualquer tentativa de sintetizar o pensamento dos autores ligados a este movimento, pois são rigorosamente autônomos, individuais em suas posições.

Entre eles, cabe destacar alguns nomes mais conhecidos como Thomas Ogden, Christopher Bollas, Julia Kristeva, Lewis Aron e outros, menos como: Jéssica Benjamin e Margareth Black.

O que parece ser uma característica comum a vários destes autores, em seus modelos de trabalho clínico, é o foco na relação analista-analisando e o seu uso da empatia com uma atitude técnica, menos exclusiva que os seguidores de Heing/ Kohut.

Todos admitem a participação ativa, eventualmente, discordante do analista, na sessão, como elemento que daria ao paciente um contraponto para pensar, o que não seria feito pelos kohutianos, embora alguns deles mais recentemente, concordem com esta ideia.

A esta atitude do analista se deu o nome de autenticidade que, junto com a empatia formam as bases técnicas do modelo relacional em psicanálise.

Conclusão

Trouxe aos colegas uma informação sobre o que se considera um novo modelo de trabalho em psicanálise, originado nos Estados Unidos e, fundamentado em algumas ideias, não tão novas - os relacionamentos entre pessoas, revigoradas a partir da influência do movimento pós-moderno sobre os psicanalistas daquela região.

Cabe perguntar, por que este novo modelo e outros novos modelos de trabalho analítico aparecem e aparentemente vieram para ficar?

Entre as muitas respostas possíveis foi escolhida uma: o mundo em que a psicanálise foi gestada e trazida à luz por Freud, simplesmente desapareceu durante o século XX. Um novo mundo bastante diferente daquele surgiu e as questões centrais do homem neste novo mundo, por diferentes que fossem determinaram a necessidade de novos modelos de trabalho para atender a novas vicissitudes humanas, principalmente, as que concernem ao sentimento do ser, vínculos afetivos, confiança nas relações com os outros, massificação dos conceitos e valores e esmagamento das diferenças por conta da mídia.

Kohut disse que os artistas são os primeiros a detectarem as mudanças de tendências na sociedade e depois deles, na linha de frente desta detecção estão os psicanalistas.

Talvez ele tivesse razão.

Referências

Aron, L. (1991). The patients experience of the analyst's subjectivity. *Psychoanalytic Dialogues*, 1, 29-51.

Benjamin, J. (1998). *Shadow of the Other: Intersubjectivity and Gender in Psychoanalysis*. Rautledge.

Heimann, P. (1950). On Counter-Transference. *Int. J. of Psycho-Analysis*, Vol. 31. p. 81-84.

Hoffman, I. Z. (2001). *Ritual and Spontaneity in Psychoanalytic Process: A Dialectical. Construtivist View*. The Analytic Press.

Guberman, M. (1996). *Julia Kristeva, Interviews* ed. R.M. Guberman. Columbian Universities Press.

Mabildes, L.C. (2003). A Psicanálise pode não ser Intersubjetiva? *Revista Brasileira Psicanalise*, 37, 213, 299-309.

Mitchell, S. (1988). *Relational Concepts in Psychoanalysis*. Harvard Universities Press.

Mitchell, S. (1997). *Influence and authority in Psychoanalysis*. The Analytic Press.

Renik, O. (1993). Analytic Interaction: conceptualizing technique in the light of the analyst's irreducible subjectivity. *Psychoanal. Q.* 62: 533-571.

Terholz, J.G. (1999). *Kohut Loewald and the Postmoderns: A Comparative Study of Self and Relationship*. The Analytic Press.